

# Medidas de localização e especialização para as mesorregiões de Santa Catarina

*Diogo Dalle Tese*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

*Taíse Fátima Mattei*

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Recebido: 12/09/2018 Versão revisada (entregue): 10/06/2019 Aprovado: 11/06/2019

## Resumo

O estado de Santa Catarina tem importância no cenário nacional, com uma economia bastante diversificada e dinâmicas regionais impulsionadas, principalmente, pelo setor agroindustrial. O presente artigo apresenta uma proposta de estudo, visando caracterizar e analisar a localização e a especialização dos setores produtivos das mesorregiões do estado de Santa Catarina no período de 1999 a 2014. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória com base quantitativa. De acordo com os dados obtidos, pode-se considerar que o setor agropecuário obteve maior destaque no Oeste catarinense, tanto em 1999 quanto em 2014. A indústria foi predominante e mais importante no Vale do Itajaí e Norte Catarinense, observando-se que, no Norte Catarinense, a indústria teve um desenvolvimento maior em 2014 que em 1999. No setor de serviços observou-se o predomínio do Vale do Itajaí em todo o período. Além disso, foi possível verificar que a agropecuária estava distribuída regionalmente de forma mais concentrada do que outros setores. E, por fim, comparando-se os anos, não houve mudanças significativas nos padrões de localização e produção nas mesorregiões de Santa Catarina.

**Palavras-chave** | Medidas de especialização; medidas de localização; mesorregiões; perfil produtivo; Santa Catarina.

**Código JEL** | B41 R11 R12

## Location and specialization measures for the Santa Catarina mesoregions

### Abstract

The State of Santa Catarina has a relevant importance within the national scenario, having much diversified economy, with regional dynamics driven mainly by the agroindustrial sector. The present work presents a study proposal to characterize and analyze the location and the specialization of the productive sectors of the mesoregions of the State of Santa Catarina from 1999 to 2014. The methodology for the accomplishment of this work was the exploratory research based quantitative. According to the data obtained, it can be considered that the agricultural sector was more prominent in the west of Santa Catarina, both in 1999 and in 2014.

The industry was more predominant and important in the Vale do Itajaí and North Catarinense, observing that in 2014 the industry had a greater development in North Catarinense than in 1999. In the services sector, the predominance of the Itajaí Valley was observed throughout the period. In addition, it was possible to verify that the agriculture was distributed regionally in a more concentrated way than the other sectors and comparing the years, there were no significant changes in the patterns of locations and production of the mesoregions.

**Keywords** | Location measures; mesoregions; productive profile; Santa Catarina; specialization measures.

**JEL-Code** | B41 R11 R12

## **Medidas de ubicación y especialización para las mesorregiones de Santa Catarina**

### **Resumen**

El Estado de Santa Catarina es importante en el escenario nacional, con una economía bastante diversificada y dinámicas regionales impulsadas, principalmente, por el sector agroindustrial. El presente trabajo presenta una propuesta de estudio que busca caracterizar y analizar la localización y la especialización de los sectores productivos de las mesorregiones del Estado de Santa Catarina en el período de 1999 a 2014. La metodología utilizada fue una investigación exploratoria con base cuantitativa. De acuerdo con los datos obtenidos, se puede considerar que el sector agropecuario obtuvo mayor destaque en el Oeste catarinense, tanto en 1999, como en el 2014. La industria fue predominante y más importante en el Valle del Itajaí y Norte Catarinense, observándose que, en el Norte Catarinense, la industria tuvo un desarrollo mayor en el 2014 que en 1999. En el sector de servicios se observó el predominio del Valle del Itajaí en todo el período. Además, fue posible verificar que la agropecuaria estaba distribuida regionalmente de forma más concentrada que los otros sectores. Finalmente, comparando los años, no hubo cambios significativos en los padrones de ubicaciones y producción en las mesorregiones de Santa Catarina.

**Palabras clave** | Medidas de especialización; medidas de localización; mesorregiones; perfil productivo; Santa Catarina.

**Código JEL** | B41 R11 R12

### **Introdução**

A economia do estado de Santa Catarina contribui de forma efetiva para a produção de riqueza do Brasil. A participação de seus setores produtivos permite colocá-la entre as 10 principais economias do país. Nos últimos tempos, a exemplo do que ocorreu em todo o Brasil, esta economia vem passando por transformações em face de mudanças expressas pela abertura do mercado,

desregulamentação econômica, decisões de investimentos empresariais, internacionalização da base e especialização produtivas, intensificação da relação universidade-empresa, entre outros aspectos.

A partir de contextos econômicos de mudanças, sejam de crescimento ou desaceleração, a teoria econômica regional é capaz de fornecer base teórica e empírica para que esses elementos sejam analisados e discutidos. Diante disso, é possível utilizar instrumentos para captar, por meio de dados, conclusões importantes da análise regional.

Dentre os instrumentos da ciência regional, existe um conjunto chamado de métodos de análise regional, composto por medidas de localização e especialização. Tais medidas são muito importantes para conhecimento de padrões regionais de crescimento econômico, além de servir como base para políticas de descentralização econômica. Apesar dessas medidas possuírem algumas limitações, por serem bastantes descritivas e analíticas, elas são relevantes para uma análise de perfil produtivo, fornecendo a base exploratória para um estudo aprofundado das características mais interessantes de uma determinada região.

Dessa forma, considerando os setores da agropecuária, indústria e serviços, ou cadeia produtiva como uma rede de inter-relações sob diversos e variados níveis entre os agentes, pretende-se, nesta pesquisa, responder o seguinte problema a partir dos instrumentos de análise regional: qual o perfil de localização e a especialização dos setores produtivos das mesorregiões do Estado de Santa Catarina no período de 1999 a 2014? Ou seja, busca-se verificar a existência de um padrão de localização e especialização produtiva do estado de Santa Catarina para fornecer base para elaboração de políticas públicas regionais.

Portanto, o objetivo geral será caracterizar e analisar a localização e a especialização dos setores produtivos das mesorregiões do estado de Santa Catarina, no período de 1999 a 2014, observando sua importância econômica. A variável base de estudo será o Produto Interno Bruto (PIB) nas diversas mesorregiões do estado. Os setores analisados serão a agropecuária, a indústria e serviços.

De acordo com o IBGE (2017), mesorregiões são subdivisões dos estados que congregam diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Foram criadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e são utilizadas para fins estatísticos e de planejamento público, não constituindo, portanto, entidades políticas ou administrativas. As mesorregiões catarinenses dividem-se em: Serrana; Oeste Catarinense; Vale do Itajaí; Grande Florianópolis; Norte Catarinense e Sul Catarinense.

Visto que o estado de Santa Catarina tem uma relevante importância dentro do cenário nacional, possuindo uma economia bastante diversificada, com dinâmicas regionais impulsionadas principalmente pelo setor agroindustrial, é interessante

mostrar sua importância econômica para o desenvolvimento de suas mesorregiões e do Brasil.

Dentro do contexto econômico atual, o ritmo que as transformações ocorrem está cada vez mais acelerado. Sendo assim, torna-se necessário conhecer, analisar e refletir sobre o perfil produtivo de Santa Catarina, considerando as mudanças, evoluções nos setores produtivos, destacando a importância de cada setor, onde se localizam, PIB, caracterização da região, entre outros.

Desse modo, a fim de melhor apresentar o tema e os objetivos propostos, este trabalho estrutura-se da seguinte forma além desta introdução: na seção 2 será abordado as teorias de desenvolvimento regional e de localização para embasamento teórico da pesquisa; na seção 3 será apresentado uma pequena caracterização do estado de Santa Catarina, demonstrando as características de cada mesorregião e sua importância econômica; a metodologia utilizada para a realização da pesquisa se encontra na seção 4; a seção 5 conterá as discussões, onde calcular-se-á os indicadores de desenvolvimento regional e uma análise dos dados obtidos durante a pesquisa, a fim de construir o perfil produtivo do Estado de Santa Catarina. Por fim, na seção 6, as considerações finais da pesquisa.

## **Teorias de desenvolvimento regional e de localização**

Atualmente há um crescente interesse pelas teorias da localização e de desenvolvimento regional, visto que o processo de desenvolvimento econômico não ocorre de maneira simultânea e igual em toda parte. Pode ser considerado um processo irregular, uma vez iniciado em determinados pontos, possui a característica de fortalecer áreas e/ou regiões mais dinâmicas e que apresentam um potencial maior de crescimento.

De acordo com Teruya (1999), a teoria econômica regional e urbana iniciou-se com Thünen (1826), o qual realizou trabalho para analisar a localização de empreendimentos agrícolas em que fazia uma relação da renda da terra com a distância. Segundo ele, quanto mais distante do centro de comercialização, o excedente do produtor seria menor, dado pelo custo de transporte e gastos com a produção. Posteriormente, Weber (1909), Christaller (1933), Wingo (1961) e Alonso (1964) trabalharam a questão da localização industrial, teoria do lugar central e o uso da terra, respectivamente.

De acordo com Haddad (2005, p.1):

[...] a teoria clássica da localização procura definir as questões teóricas que afetam o comportamento locacional dos agentes econômicos, de maneira geral, e das firmas, de maneira específica. Este corpo teórico permite-nos sistematizar, de maneira consistente, o entendimento dos

elementos determinantes das decisões de localização das várias unidades locais tendo o estabelecimento como unidade de análise relevante.

Dentre os modelos clássicos de localização, os principais são: Von Thünen – O Estado Isolado (1826); Alfred Weber – Teoria da Localização das Indústrias (1909); Walter Christaller – A Teoria do Lugar Central (1933); e August Lösch – A Economia da Localização (1940).

O trabalho de Von Thünen foi concebido há mais de 150 anos e ainda é utilizado para analisar padrões de uso do solo e intensidade da agricultura em torno das cidades. Seu modelo foi concebido a partir de duas questões fundamentais: os padrões de cultivo próximo às cidades; e como eles seriam afetados pela distância (MESQUITA, 1978). Thünen procurou desenvolver o modo mais rentável para a produção agrícola, levando em conta a distância do centro consumidor, fertilidade do solo, e as culturas.

Para elaboração de suas ideias Thünen imaginou um estado isolado onde os fatores físicos não variavam, todas as terras seriam planas e férteis, haveria somente um meio de transporte primitivo terrestre e em linha reta, não havendo rio ou canal navegável e uma grande cidade no centro. O estado seria povoado por agricultores com o mesmo conhecimento técnico para tirar o melhor proveito do solo e o lucro máximo (MESQUITA, 1978, p.60).

Observa-se, assim, que nas concepções de Von Thünen, os padrões de localização relacionados ao uso da terra, dependiam da competição entre os produtos e sistemas agrícolas. A distância entre as cidades, os produtos pesados, volumosos e os perecíveis seriam encontrados próximos a cidade e os de fácil transporte mais distantes.

Alfred Weber, por sua vez, formulou a Teoria da Localização das Indústrias (1909). Iniciou seu estudo quanto ao ponto ótimo de localização mediante a análise dos custos de transporte, e esse valor apresentava, nessa teoria, papel crucial na determinação da localização das atividades industriais. Esses custos eram uma função do peso físico do produto e da distância a ser percorrida. Pelo triângulo locacional, esse autor determinou o ponto de custo mínimo de transporte e utilizou, para tanto, um caso simplificado, em que se tem um ponto comum de consumo e dois depósitos de matérias-primas (HADDAD, 1989).

As formulações desenvolvidas por Lösch e Christaller ficaram conhecidas, em conjunto, como Teoria do Lugar Central (TLC) (1933). Muito discutida pelos pesquisadores das gerações seguintes, a TLC já foi considerada "a tentativa de desenvolvimento de uma teoria da estrutura espacial [do mercado] mais inovadora

e de maior sucesso". Por outro lado, também foi acusada de ser "demasiado implausível para servir de base a qualquer trabalho empírico" (ARANHA, 2001).

Segundo Aranha (2001), a TLC descreve o número, tamanho, espaçamento e composição funcional de centros comerciais, num mundo microeconômico de livre concorrência típico, em que adicionalmente foram especificadas condições relativas à geografia. Quanto aos consumidores, assumia-se que eram pequenos, igualmente afluentes, perfeitamente bem informados, racionais e tomavam decisões buscando maximizar sua utilidade. Quanto aos fornecedores, admitia-se que eram pequenos, racionais e tomavam suas decisões buscando maximizar seu lucro, vendiam, fabricavam e operavam com custos equivalentes num ambiente em que o capital é móvel e não havia barreiras de entrada. Quanto à geografia, postulava-se um espaço homogêneo, em que os custos de transporte eram uniformes em todas as direções, e onde tanto os consumidores quanto os fornecedores estavam uniformemente distribuídos. Finalmente, com relação ao comportamento geográfico dos consumidores, pressupunha-se que faziam expedições de compras com objetivo único, que seria comprar apenas um produto na localização mais próxima possível.

August Lösch formulou também a Economia da Localização (1940). Os trabalhos de Lösch (1940) indicavam que as atividades econômicas estariam no centro das áreas de mercado, que, por suposição, eram uniformes no espaço geográfico. O modelo combinava escala e custos de transporte.

De acordo com Oliveira e Lima (2003), posteriormente às teorias clássicas, surgiram às teorias do desenvolvimento regional, que serviam para dar suporte às políticas econômicas que alavancam a sociedade regional. Dentre os autores dessa corrente teórica estavam Perroux, Hirschman e Myrdal. As principais teorias que abordaram esse tema embasavam-se na industrialização como o meio para atingi-lo, por meio de relações em cadeia, visando impulsionar as principais atividades econômicas da região atingida (CAVALCANTE, 2008).

Já na década de 1980, surgiu uma nova concepção de desenvolvimento, cujo sucesso e crescimento de regiões industriais seriam devidos à sua dinâmica interna, denominada de teoria do desenvolvimento regional endógeno. Nos anos 1980 e 1990, a localização industrial estava relacionada com a mundialização do capital, assim, os capitalistas preferiam se instalar nos mercados consumidores promissores. A maioria das empresas estava inserida num regime mais flexível da produção e do regime de trabalho, implementação da terceirização dos serviços e diminuição das hierarquias nas empresas. Além disso, as empresas estavam cada vez mais inovadoras, diversificando e diferenciando seus produtos e os meios de produção devido à concorrência internacional e a abertura do mercado.

O desenvolvimento regional endógeno, segundo Amaral Filho (1996, p. 2), pode ser definido como:

[...] um processo de crescimento econômico implicando em uma contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Este processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região mais ou menos definido dentro de um modelo específico de desenvolvimento regional.

Sengenberger e Pike (1999), observaram que esse tipo de desenvolvimento buscava promover um compromisso das iniciativas empresariais com o desenvolvimento local, criando uma identidade regional econômica, política e cultural.

O novo modelo de desenvolvimento regional tinha como principal característica a ampliação da base de decisões autônomas por parte dos atores locais, colocando nas mãos destes o destino da economia local ou regional. Este modelo caracterizava-se por ser realizado de “baixo para cima”, ou seja, partindo das potencialidades socioeconômicas originais do local, no lugar de um desenvolvimento estruturado de “cima para baixo”, isto é, partindo do planejamento e intervenção conduzidos pelo Estado nacional (Amaral Filho, 1996).

Portanto, até a década de 1950, as teorias de localização embasaram as pesquisas em economia regional. A partir de 1960 até década de 1970, as teorias de desenvolvimento regional estiveram em foco com as políticas públicas caracterizadas de cima para baixo. Após a década de 1980, evoluíram as novas teorias de desenvolvimento endógeno, marcando uma mudança no paradigma do desenvolvimento regional para políticas endógenas.

## **O estado de Santa Catarina**

Segundo dados do IBGE<sup>1</sup> (2010), o estado de Santa Catarina está localizado ao sul do território brasileiro e, juntamente com Paraná e Rio Grande do Sul, integra a região Sul. Santa Catarina é o menor estado dessa região, com uma área de aproximadamente 95 mil quilômetros quadrados, representando 16,51% da região Sul e 1,12% do território brasileiro. O estado possui 293 municípios, cuja é Florianópolis.

Os municípios que compõem o estado, juntos, reúnem uma diversidade geográfica composta por praias de areias brancas, matas tropicais e serras com temperaturas

---

<sup>1</sup> IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biblioteca. Banco de Dados: cidades@.

negativas. Somam-se a estes contrastes a riqueza de uma população de cerca de 6,24 milhões de habitantes, que traz a influência de cerca de 50 etnias, predominantemente marcada por portugueses, italianos, alemães e, em menor medida, poloneses (SEBRAE, 2017).

Na economia, estes contrastes se repetem. Uma agricultura forte, baseada em minifúndios rurais, divide espaço com um parque industrial atuante, o quarto maior do país. Indústrias de grande porte e milhares de pequenas empresas espalham-se, fazendo do estado a oitava maior economia brasileira pelo tamanho de seu Produto Interno Bruto em 2009 (SEBRAE, 2017).

Santa Catarina é detentora de um diversificado parque industrial distribuído por várias regiões e também configurado por importantes arranjos produtivos: no Oeste, Meio Oeste e Extremo Oeste destaca-se a agroindústria; ao Sul, o complexo cerâmico, mineral, químico e de confecções de artigos do vestuário; no Planalto o complexo madeireiro, papel e celulose; no Vale do Itajaí o complexo têxtil; ao Norte o complexo eletrometalmecânico e um importante polo moveleiro e por último, mas não menos importante, o complexo tecnológico distribuído em três importantes polos, na capital do estado Florianópolis, e também nas cidades de Blumenau e Joinville (SEBRAE, 2017).

A economia de Santa Catarina é bastante diversificada, com um potencial em cada região. As principais atividades econômicas são a agricultura, a pecuária, a pesca, o turismo, o extrativismo e a indústria. A economia baseia-se, principalmente, na agroindústria, no extrativismo e na pecuária.

No início da colonização, a população que habitava a área catarinense era constituída por grupos de índios Kaingang, Xokleng e Guarani que tentavam manter seus espaços de ocupação tradicional (CAMPOS, 1987). Segundo dados do IBGE (2017), a esses grupos juntaram-se a população cabocla, com forte presença negra e indígena, mesclada a outros grupos como fazendeiros originados de São Paulo e Curitiba.

Segundo Lufichoski, (2015), a região Oeste de Santa Catarina também foi inicialmente ocupada por indígenas, caboclos e bugres, que posteriormente foram substituídos por migrantes provindos principalmente do Rio Grande do Sul, descendentes de alemães, italianos e poloneses.

O tropeirismo, que teve origem nos séculos XVII e XVIII e prolongou-se especialmente até o Século XIX, foi, sem dúvida, segundo Pertile (2008, p. 32) “[...] muito importante para a economia e integração da Argentina com o Sul do Brasil e deste com o Sudeste brasileiro.” Desde meados do Século XVIII, a população indígena que habitava a região passou a sofrer influências dos tropeiros. As atividades ligadas à pecuária e ao tropeirismo, nos chamados Caminhos das Tropas, marcaram a história da região Sul catarinense.



O Oeste catarinense foi importante ponto de passagem das tropas desde 1845, especialmente o passo GoioEn, conforme Folador (1991) e Werlang (1992). Isso justifica dizer que, durante o Brasil colônia, grande parte da riqueza do país circulou por meio das mulas. Junto com as entradas e bandeiras, os tropeiros possibilitaram a expansão das fronteiras, criaram vilas e cidades e contribuíram para a integração do país.

Em Santa Catarina, diversos lugares por onde os tropeiros passavam e/ou pousavam originaram ou contribuíram para o surgimento de diversas atuais cidades como as de Rancho Queimado, Lages, Laguna, Lauro Müller, Pedras Grandes, Tubarão, Curitibanos, Chapecó, Abelardo Luz e Campo Erê. É interessante notar que dezenas de cidades do interior na região sul do Brasil e mesmo em São Paulo, além de atribuírem sua origem à atividade tropeira, também levam o seu nome em função dela, como Pouso Redondo, em Santa Catarina (PERTILE, 2008, p. 35).

As primeiras décadas do Século XX marcaram definitivamente o futuro de Santa Catarina. Dentre os acontecimentos de maior destaque, pode-se citar a construção da Ferrovia do Contestado. A existência da ferrovia iniciou outras grandes mudanças. Exemplo disso são as numerosas colônias criadas na sua área de influência. A abertura das colônias possibilitou a ocupação por agricultores que compravam lotes de terras localizados na área de concessão da Companhia EFSPRG, caracterizando uma nova frente agrícola (PERTILE, 2008).

Foi a existência de uma estrutura agrária minifundista já presente ainda antes da vinda dos imigrantes, que, em pouco tempo, deu condições para implantação e o desenvolvimento das agroindústrias catarinenses nas décadas de 1940 e 1950, que cresceram baseadas no sistema de integração agroindustrial (LUFICHOSKI, 2015).

O governo desempenhou um importante papel neste processo e deu condições para que os complexos agroindustriais se estabelecessem no estado por meio de uma política nacional de crédito rural. As agroindústrias encontraram na pequena propriedade familiar um campo fértil para disseminar o programa de fomento para suinocultura e avicultura. Isso resultou em uma mudança no sistema de produção de autossuficiência, desenvolvida no âmbito familiar, para uma substituição que incluiu neste processo capital industrial e bancário. Esse modelo provocou mudanças significativas no processo produtivo local e regional, bem como na organização da unidade familiar (LUFICHOSKI, 2015).

Apesar das iniciativas em diversificar a economia, a madeira foi a principal atividade comercial e industrial do Oeste do estado até a década de 1940, superando a da erva-mate (IBGE, 2017). O setor madeireiro, portanto, marcou o início da industrialização da região, gestando uma acumulação de capitais que,

posteriormente, foi direcionada a outras atividades econômicas. Dessa maneira, a exportação da erva-mate e da madeira possibilitou certa integração da região em nível nacional e internacional sem, no entanto, provocar grandes alterações na agricultura, mantida principalmente como produção de subsistência (CAMPOS, 1987).

A partir da década de 1940, passou a emergir no Estado a indústria e o comércio voltados para o setor de alimentos. Este setor foi estimulado pela crescente presença dos migrantes nas novas áreas colonizadas. Entre as décadas de 1960 e 1970, as terras a Oeste de Santa Catarina foram todas colonizadas. Houve então a chegada do maior número de migrantes (CAMPOS, 1987).

Até as primeiras décadas do Século XX era possível encontrar em Santa Catarina, principalmente nas atuais regiões produtoras de suínos, a criação destes em áreas de milho cultivado. Muitas áreas de criação de suínos coincidiam com as de cultivo de milho (FOLADOR, 1991).

A atividade de fabricação de banha pode ser considerada como um desdobramento do setor de comércio. Os comerciantes de São Paulo compravam (direta ou indiretamente) porcos e outros excedentes agrícolas e vendiam produtos industrializados, tanto em seu estado, quanto em outros, a exemplo de Santa Catarina (MARTINS, 1976).

Desse modo, pode-se afirmar que a comercialização de excedentes produzidos pelos pequenos proprietários agrícolas possibilitou aos comerciantes constituir seu capital inicial. Isso contribuiu para o início do desenvolvimento regional e, principalmente, possibilitou condições para a implantação dos primeiros frigoríficos, como é o caso da Sadia.

No final do Século XX, parte dessa população e seus descendentes formaram, segundo Pertile (2001, p. 80) “[...] grande contingente de mão de obra disponível para ser apropriado em outras atividades, como na agroindústria regional.” Outra parte, porém, ficou excluída, à margem nas pequenas e médias cidades como Quilombo e Chapecó, respectivamente.

As mudanças ocorridas do modo de produção mercantil em capitalista tiveram significativas marcas no processo de construção do espaço no Oeste de Santa Catarina. A transformação dos pequenos frigoríficos em grandes agroindústrias teve grandes e efetivas repercussões, tanto na agricultura quanto no comércio e na indústria regional (PERTILE, 2008).

Portanto, podem-se observar os caminhos percorridos pela agroindústria catarinense. Desde seu início, com os tropeiros, até a instalação das grandes indústrias existentes atualmente, repercutindo na forma de desenvolvimento, principalmente do Oeste catarinense.

### ***As mesorregiões catarinenses***

Nesta seção, objetiva-se conhecer de forma sintetizada os principais aspectos de desenvolvimento das mesorregiões catarinenses, as quais se dividem em: Serrana; Oeste Catarinense; Vale do Itajaí; Grande Florianópolis; Norte Catarinense e Sul Catarinense, conforme a Figura 1.



**Figura 1 – Mesorregiões do estado de Santa Catarina**

De acordo com Silveira (2016a), a mesorregião Serrana é formada por 30 municípios agrupados em duas microrregiões: Campos de Lages e Curitibanos. Esta mesorregião é a menos povoada das mesorregiões e a mais fria do Estado, devido à presença da Serra Geral no Planalto Serrano. Há ocorrência de geadas e neve no inverno em algumas localidades, como Lages, Urubici, São Joaquim, Bom Jardim da Serra e Urupema.

Ainda segundo Silveira (2016a), a região tem no turismo rural uma importante fonte de renda, com destaque também para a pecuária e a indústria florestal. Juntos, os municípios de Lages e São Joaquim são o terceiro produtor de maçãs do estado, e Urubici o maior produtor de hortaliças.

A região Oeste é a maior em superfície, representando um quarto do território do estado, com 118 municípios e a segunda mesorregião em população. Por sua vez,

a região Oeste de Santa Catarina está dividida em cinco microrregiões: Chapecó, Concórdia, Xanxerê, Joaçaba e São Miguel do Oeste. A microrregião de Chapecó é composta por 38 municípios. É uma região agroindustrial onde se localizam 7,29% das empresas do estado e que se apresenta como destaque nos setores alimentício, de origem animal, setor metalmeccânico, moveleiro e plásticos (PAIM, 2006).

A mesorregião do Vale do Itajaí, por sua vez, é constituída por 54 municípios agrupados em quatro microrregiões: Blumenau, Itajaí, Ituporanga e Rio do Sul. Está localizada no vale formado pelos rios Itajaí-Açu, Itajaí-Mirim e seus afluentes. Essa região é conhecida como Vale Europeu, porque sua colonização foi realizada por imigrantes, principalmente alemães, que mantêm até os dias atuais forte influência germânica presente nos costumes, festas, arquitetura e outras tradições. As colônias fundadas pelos imigrantes alemães originaram os importantes centros econômicos do estado: Brusque, Blumenau e Itajaí. (SILVEIRA, 2016b).

Na economia desta mesorregião se destacam a indústria têxtil e de informática. O setor de serviços é bem desenvolvido, principalmente para atender ao turismo da região litorânea e às cidades turísticas do vale. A agricultura mecanizada fez crescer a cultura do arroz, e na pecuária o destaque é para a produção leiteira (SILVEIRA, 2016b).

A mesorregião da Grande Florianópolis se situa no litoral central do estado de Santa Catarina e conta, segundo o Censo de 2010, com uma população de 994.095 habitantes vivendo em uma área de 7.156,6 km<sup>2</sup>. Está dividida em três microrregiões: Tijucas, Florianópolis e Tabuleiro, composta por 21 municípios (IBGE, 2012). Apesar de não ser a mesorregião mais populosa, a Grande Florianópolis é a que possui a maior densidade demográfica (MOTTA, 2000, p. 141).

A mesorregião Norte Catarinense é constituída por 26 municípios agrupados em três microrregiões: Joinville, Canoinhas e São Bento do Sul. A ocupação inicial desta mesorregião se deu a partir de 1851, com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, principalmente alemães. A região é bastante industrializada, destacando-se o município de Joinville na indústria metalmeccânica, sendo também a maior cidade do estado em população. As microrregiões de Canoinhas e de São Bento têm como principal atividade econômica a indústria moveleira (SILVEIRA, 2016b).

A Mesorregião Sul Catarinense é constituída por 44 municípios agrupados em três microrregiões: Araranguá, Criciúma e Tubarão. A ocupação dessa área ocorreu por volta de 1870 com a vinda de imigrantes italianos, sendo a região que mais possui descendentes italianos no estado. Inicialmente, a principal atividade econômica dessa mesorregião era a extração de carvão em Criciúma. Atualmente,

destacam-se também as indústrias de cerâmica, vestuário, metalmecânica e química. Na agropecuária, destacam-se a criação de suínos e aves, o cultivo de arroz, fumo e feijão e a produção de mel (SILVEIRA, 2016b).

Dessa forma, conclui-se que Santa Catarina possui mesorregiões bem diversificadas, cada uma com destaque em alguns setores produtivos e desempenhando papel importante no desenvolvimento do estado.

## Metodologia

A pesquisa deste trabalho enquadra-se como exploratória, a qual justifica-se por explorar um problema por meio de uma investigação, mas apresenta também base quantitativa, realizando, desta forma, uma pesquisa bibliográfica e documental.

A base de dados é o IBGE e utilizou-se o período de 1999 e 2014 pelos dados estarem acessíveis. Optou-se por utilizar o PIB para o cálculo das medidas de localização e especialização, descartando o uso da variável emprego, pois setores que contratam grande número de pessoas não são, necessariamente, os mais tecnológicos e os que geram maior valor agregado no estado.

Os métodos de análise regional, conjunto de medida de localização e de especialização, são muito utilizados para conhecimento dos padrões regionais do crescimento econômico e para formulação de políticas de descentralização industrial. O ponto de partida para o cálculo de medidas de localização e de especialização é a organização das informações em uma matriz que relaciona a distribuição setorial-espacial de uma variável base. Para tanto, precisa-se de informações sobre a distribuição do que se pretende pesquisar, por atividade e regiões num determinado período (HADDAD, 1989).

É comum distinguirem-se as Medidas de Localização das Medidas de Especialização e Diversificação. As primeiras têm por objetivo comparar a expressão de uma determinada atividade econômica, em territórios distintos (seguem, portanto, uma perspectiva de abordagem setorial). As segundas avaliam o grau de diversificação/especialização de um território em função de um conjunto de atividades (numa abordagem regional) (HADDAD, 1989).

Dentre os métodos mais utilizados em pesquisas desta natureza, para a análise regional, pode-se citar medidas de localização e de especialização, que são de natureza setorial e objetivam a localização das atividades entre as regiões e identificar padrões de concentração ou dispersão. As principais medidas são Quociente Locacional, Coeficiente de Localização e Coeficiente de Redistribuição.

Por sua vez, as medidas de especialização objetivam a análise da estrutura produtiva de cada região e analisam o grau de especialização das economias regionais. As principais são Coeficiente de Especialização e Coeficiente de

Reestruturação. Por meio das medidas de especialização é possível fazer a análise da estrutura produtiva de cada região e analisar o grau de especialização das economias regionais.

Embora muito utilizadas na literatura de economia regional, elas possuem algumas limitações, mas que não as desqualificam como instrumentos relevantes para pesquisa. Essas medidas são de natureza analítica e descritiva, mas se justificam em trabalhos exploratórios que buscam identificar padrões de comportamento dos setores produtivos no espaço para fornecer base para pesquisas adicionais e aprofundadas sobre as características mais relevantes de uma região (HADDAD, 1989).

### **Quociente Locacional**

De acordo com Haddad (1989, p. 232), “[...] o quociente locacional compara a participação percentual de uma região em um setor particular com a participação percentual da mesma região no total do emprego da economia nacional”. Se o valor do Quociente Locacional (QL) for maior do que um, significa que a região é relativamente mais importante, no contexto nacional, em termos do setor, do que em termos gerais de todos os setores. Revela os setores de uma região que apresentam maiores possibilidades para atividades de exportação. Um QL maior do que um poderia indicar que a atividade na região é básica, ou seja, voltada para a exportação; e um QL inferior a um representaria uma atividade não básica, voltada para o mercado da própria região (HADDAD, 1989).

O QL é, no essencial, uma medida de localização, no sentido em que permite avaliar o grau relativo de concentração de uma determinada atividade. A estrutura dos seus resultados permite fazer uma análise centrada numa região específica, para todos os setores de atividade em causa e, deste modo, tecer considerações sobre o grau de especialização/diversificação desse território (HADDAD, 1989).

Assim, o QL pode ser analisado a partir de setores específicos ou no seu conjunto. É expresso pela Equação 1 (HADDAD, 1989).

$$(1) \quad QL_{ij} = \frac{Y_{ij} / \sum_j Y_{ij}}{\sum_i Y_{ij} / \sum_i \sum_j Y_{ij}}$$

Em que:

$Y_{ij}$  = PIB no setor  $i$  da região  $j$ ;

$\sum_i Y_{ij}$  = PIB em todos os setores da região  $j$ ;

$\sum_j Y_{ij}$  = PIB no setor  $i$  de todas as regiões;

$\sum_i \sum_j Y_{ij} = \text{PIB}$  em todos os setores de todas as regiões.

### ***Coefficiente de Localização***

O Coeficiente de Localização (CL) relaciona a distribuição percentual da variável base num dado setor entre as regiões com a distribuição percentual da variável base no total nacional entre as regiões. É muito utilizado para fazer comparações de concentrações entre regiões e nível de concentração das regiões nos setores (HADDAD, 1989). O CL é medido pela Equação 2.

$$CL_i = \frac{\sum_j \left| \left( \frac{Y_{ij}}{\sum_j Y_{ij}} * 100 \right) - \left( \frac{\sum_i Y_{ij}}{\sum_i \sum_j Y_{ij}} * 100 \right) \right|}{2} / 100 \quad (2)$$

Em que:

$Y_{ij} = \text{PIB}$  no setor  $i$  da região  $j$ ;

$\sum_i Y_{ij} = \text{PIB}$  em todos os setores da região  $j$ ;

$\sum_j Y_{ij} = \text{PIB}$  no setor  $i$  de todas as regiões;

$\sum_i \sum_j Y_{ij} = \text{PIB}$  em todos os setores de todas as regiões.

Dessa forma, pode ser interpretado como:

$CL \cong 0$ : o setor  $i$  estará distribuído regionalmente da mesma forma que o conjunto de todos os setores.

$CL \cong 1$ : o setor  $i$  apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de todos os setores.

### ***Coefficiente de Redistribuição***

O Coeficiente de Redistribuição (CR) relaciona a distribuição percentual da variável base em um mesmo setor em dois períodos de tempo. Examina se está prevalecendo para o setor algum padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo (HADDAD, 1989).

O CR pode ser calculado de acordo com a Equação 3.

$$CR_i = \frac{\sum_j \left| \left( \frac{E_{ij}^{t1}}{\sum_j E_{ij}^{t1}} - \frac{E_{ij}^{t2}}{\sum_j E_{ij}^{t2}} \right) \right|}{2} \quad (3)$$

Em que:

$E_{ij}$  = PIB no setor  $i$  da região  $j$ ;

$\sum_j E_{ij}$  = PIB no setor  $i$  de todas as regiões;

A interpretação é dada por:  $CR \cong 0$  - não ocorreu mudanças significativas no padrão espacial de localização do setor;  $CR \cong 1$  - houve mudanças no padrão espacial de localização do setor.

### ***Coeficiente de Especialização***

O Coeficiente de Especialização (CESP) fornece informações sobre o nível de especialização da economia num determinado ano. É calculado de acordo com a Equação 4, segundo Haddad (1989).

$$CESP_j = \frac{\sum_i \left| \left( \frac{Y_{ij}}{\sum_i Y_{ij}} * 100 \right) - \left( \frac{\sum_j Y_{ij}}{\sum_i \sum_j Y_{ij}} * 100 \right) \right|}{2} / 100 \quad (4)$$

Sendo:

$Y_{ij}$  = PIB no setor  $i$  da região  $j$ ;

$\sum_i Y_{ij}$  = PIB em todos os setores da região  $j$ ;

$\sum_j Y_{ij}$  = PIB no setor  $i$  de todas as regiões;

$\sum_i \sum_j Y_{ij}$  = PIB em todos os setores de todas as regiões.

O CESP compara a estrutura produtiva de uma região com a estrutura produtiva nacional-estadual. Pode ser interpretado da seguinte forma:  $CESP \cong 0$  - a região tem composição setorial idêntica a do estado/nação;  $CESP \cong 1$  - a região demonstrou um elevado grau de especialização ligado a um determinado setor de atividades ou uma estrutura de mão de obra totalmente diversa da estrutura de mão-de-obra estadual-nacional (HADDAD, 1989).

### ***Coeficiente de Reestruturação***

O Coeficiente de Reestruturação (CR) relaciona a estrutura de uma variável base na região  $j$  entre dois períodos a fim de avaliar o grau de mudanças na especialização desta região que compõe o estado (HADDAD, 1989). É calculado de acordo com a Equação 5.



$$Cr = \frac{\sum_i \left| \left( \frac{Y_{ij}^{t1}}{\sum_i Y_{ij}^{t1}} * 100 \right) - \left( \frac{Y_{ij}^{t0}}{\sum_i Y_{ij}^{t0}} * 100 \right) \right|}{2} / 100 \quad (5)$$

Em que:

$Y_{ij}$  = PIB no setor i da região j;

$\sum_i Y_{ij}$  = PIB em todos os setores da região j;

$\sum_j Y_{ij}$  = PIB no setor i de todas as regiões;

É interpretado da seguinte forma:  $CR \cong 0$  - indica que não ocorreram modificações na estrutura setorial da região;  $CR \cong 1$  - demonstra uma reestruturação bem substancial na composição setorial da região (HADDAD, 1989).

Como já discutido, as medidas de localização e especialização possuem algumas limitações técnicas e conceituais. Elas são sensíveis à forma como os dados são agregados, e dependem também da disponibilidade desses para que as pesquisas sejam viabilizadas. Uma das principais limitações diz respeito ao fato de que elas não fornecem relações explicativas dos fenômenos encontrados, porque não foram desenvolvidas para isso, mas, sim, apenas permitir identificar os padrões regionais para que possam ser aprofundados por outros as análises. Essas medidas são muito úteis em fase exploratória de interesses regionais, servindo de base para uma análise mais aprofundada das especificações encontradas.

Após essa apresentação da metodologia, parte-se para a análise e discussão dos resultados.

## Resultados e discussões

A economia das mesorregiões de Santa Catarina possui alguns aspectos específicos que podem ser verificados, segundo dados do PIB, coletados do IBGE, referente aos anos de 1999 a 2014. A Tabela 1 apresenta os dados do PIB das mesorregiões segundo os setores produtivos para 1999 e 2014.

**Tabela 1 – PIB das mesorregiões catarinense, segundo os setores produtivos em 1999 e 2014 (milhões)**

1999	Serrana	Oeste	Vale do Itajaí	Grande Florianópolis	Norte	Sul	Total
Agrop.	507.614	2.343.788	520.708	146.825	490.436	591.208	4.600.579
Indúst.	652.448	3.729.584	3.837.810	1.117.006	4.441.131	1.670.782	15.448.761
Serv.	736.883	2.432.378	3.334.699	2.289.674	2.667.389	1.634.251	13.095.274
Total	1.896.945	8.505.750	7.693.217	3.553.505	7.598.956	3.896.241	33.144.614
2014	Serrana	Oeste	Vale do Itajaí	Grande Florianópolis	Norte	Sul	Total
Agrop.	1.555.872	5.188.623	1.501.083	761.112	1.926.427	1.743.260	12.676.377
Indúst.	3.154.354	10.983.372	18.046.996	5.716.379	16.292.572	7.928.573	62.122.246
Serv.	4.118.988	14.834.835	33.342.137	20.149.581	19.917.314	11.204.314	103.567.169
Total	8.829.214	31.006.830	52.890.216	26.627.072	38.136.313	20.876.147	178.365.792

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2017).

De acordo com esses dados, pode-se considerar que o setor da agropecuária tinha mais destaque no Oeste catarinense, tanto em 1999 quanto em 2014. A indústria apresentou maior destaque no Vale do Itajaí e Norte Catarinense, observando que em 2014 a indústria teve um desenvolvimento maior na segunda região que em 1999, apresentando um PIB maior. No setor de serviços, observa-se o predomínio do Vale do Itajaí, tanto em 1999 quanto em 2014. Comparando-se os anos, percebe-se que não houve mudanças significativas.

### ***Localização e especialização das atividades produtivas das mesorregiões catarinenses***

Esta subseção apresenta os cálculos e análises das medidas de localização e especialização para as mesorregiões de Santa Catarina.

O Quociente Locacional (QL) informa se a mesorregião é especializada em algum setor. Na Tabela 2 são mostrados os dados do QL para as mesorregiões no espaço de tempo compreendido entre 1999 e 2014.

Observa-se que a especialização agropecuária das mesorregiões Serrana e Oeste foi maior do que a especialização total do estado. Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Norte Catarinense não eram especializadas em agropecuária. A mesorregião Sul Catarinense, pelo QL aproximar-se de um, pode ser considerada com especialização mediana. Observaram-se também poucas alterações no cenário de 1999 para 2014.

**Tabela 2 – QL das mesorregiões em 1999 e 2014**

1999	Serrana	Oeste	Vale do Itajaí	Grande Florianópolis	Norte	Sul
Agropecuária	1,9279	1,9852	0,4876	0,2977	0,4650	1,0932
Indústria	0,7379	0,9407	1,0703	0,6744	1,2539	0,9200
Serviços	0,9832	0,7238	1,0971	1,6309	0,8884	1,0616
2014	Serrana	Oeste	Vale do Itajaí	Grande Florianópolis	Norte	Sul
Agropecuária	2,4795	2,3546	0,3993	0,4022	0,7108	1,1750
Indústria	1,0258	1,0171	0,9797	0,6164	1,2266	1,0905
Serviços	0,8034	0,8240	1,0857	1,3033	0,8995	0,9243

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2017).

Na indústria, a especialização do Vale do Itajaí, Oeste Catarinense e Sul Catarinense estavam na média do estado nos dois períodos. A mesorregião Norte Catarinense estava acima da especialização do estado. A Grande Florianópolis possuía baixa especialização industrial e o destaque maior pode ser dado à evolução da mesorregião Serrana no período analisado.

Nos serviços, a Grande Florianópolis estava acima da especialização do estado, provavelmente em virtude do turismo. O Norte Catarinense e o Vale do Itajaí mantiveram-se na média de especialização do estado. As mesorregiões Serrana e Sul Catarinense continuaram próximas à média de especialização do estado, apresentando pequena queda nesse período. Já a mesorregião Oeste Catarinense acompanhou a tendência de média da especialização do estado, porém, apresentou crescimento de 1999 a 2014.

O Coeficiente de Localização (CL) relaciona a distribuição percentual da variável base num dado setor, entre as regiões, com a distribuição percentual da variável base no total entre as regiões. O CL para os setores produtivos do Estado de Santa Catarina é mostrado na Tabela 3.

**Tabela 3 – CL dos setores produtivos de Santa Catarina**

CL	1999	2014
Agropecuária	0,3168	0,3291
Indústria	0,0745	0,0632
Serviços	0,0997	0,0706

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2017).

Fazendo uma análise dos dados obtidos, pode-se concluir que o setor agropecuário estava distribuído de forma mais concentrada regionalmente do que o conjunto dos outros setores. Essa característica não teve alteração significativa ao longo do período estudado. A indústria e os serviços encontraram-se distribuídos regionalmente da mesma forma que o conjunto de todos os setores, sem grandes alterações de 1999 para 2014.

O Coeficiente de Redistribuição (CR) relaciona a distribuição percentual da variável base em um mesmo setor em dois períodos de tempo. A Tabela 4 apresenta os dados do CR.

**Tabela 4 – CR dos setores produtivos de Santa Catarina**

CR	
Agropecuária	0,1001
Indústria	0,0898
Serviços	0,0869

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2017).

O CR analisa se houve mudanças na localização das atividades. Dessa forma, pode-se perceber que não houve mudanças no padrão de localização, permanecendo o padrão que havia em 1999 até 2014 nas mesorregiões do estado de Santa Catarina.

O Coeficiente de especialização, por sua vez, fornece informações sobre o nível de especialização da economia num determinado ano. Observando a Tabela 5, percebe-se o quanto as mesorregiões eram diversificadas, indicando que as mesorregiões não possuíam um só setor no qual eram especialistas. A maior mudança ao longo do período ocorreu no Vale do Itajaí, a qual possuía um cenário econômico mais especializado em 1999, apresentando maior diversificação em 2014.

**Tabela 5 – Coeficiente de especialização das Mesorregiões de Santa Catarina**

Anos	Serrana	Oeste	Vale do Itajaí	Grande Florianópolis	Norte	Sul
1999	0,1287	0,1367	0,2185	0,2492	0,1183	0,0372
2014	0,1141	0,1022	0,0497	0,1760	0,0789	0,0439

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2017).

Por fim, analisando o Coeficiente de Reestruturação (CR), observa-se que este relaciona a estrutura de uma variável base na região entre dois períodos, a fim de avaliar o grau de mudanças na especialização da região que compõe o estado. A Tabela 6 apresenta os valores de CR para as mesorregiões de Santa Catarina. Dessa forma, observa-se que não ocorreram mudanças na estrutura produtiva e a composição setorial manteve-se a mesma ao longo do período.

**Tabela 6 – Coeficiente de reestruturação das Mesorregiões de Santa Catarina**

Serrana	Oeste Catarinense	Vale do Itajaí	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Sul Catarinense
0,0913	0,1924	0,1969	0,1123	0,17124	0,1172

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2017).

### Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi caracterizar e analisar a localização e a especialização dos setores produtivos das mesorregiões do estado de Santa Catarina no período de 1999 a 2014 utilizando o instrumental de medidas de localização e especialização.

No desenvolvimento do trabalho apresentou-se um breve histórico da formação do estado e sua importância econômica, bem como a divisão em mesorregiões e as peculiaridades de cada uma delas. Da mesma forma, abordaram-se as teorias de desenvolvimento regional e de localização e as medidas de localização e especialização, bem como a análise dos dados obtidos pelo IBGE.

Ao concluir esse trabalho, algumas considerações tornam-se pertinentes. O estado de Santa Catarina tem relevante importância dentro do cenário nacional, possuindo uma economia diversificada, com dinâmicas regionais impulsionadas, principalmente, pelo setor agroindustrial.

Os dados coletados e analisados reforçam o que se encontrou nas informações fornecidas pela FIESC (2015), de que a economia industrial de Santa Catarina é caracterizada pela existência de diversos polos, o que confere ao estado padrões de desenvolvimento equilibrado entre suas regiões.

Na caracterização das mesorregiões segundo valores do PIB, o setor da agropecuária teve mais destaque na mesorregião Oeste catarinense, tanto em 1999 quanto em 2014. A indústria apresentou maior destaque no Vale do Itajaí e Norte Catarinense, observando que em 2014 esse setor teve um desenvolvimento maior na segunda mesorregião. No setor de serviços, observou-se o predomínio do Vale do Itajaí, tanto em 1999, quanto em 2014.

Conforme os resultados encontrados para as medidas de localização e especialização, é possível concluir que Santa Catarina é um estado com grande diversidade de atividades na composição do seu perfil produtivo. Verificou-se que as mesorregiões Serrana e Oeste Catarinense são mais especializadas no setor da agropecuária. Vale do Itajaí e Grande Florianópolis têm a maioria da sua especialização advinda dos serviços. A mesorregião Norte Catarinense é o destaque do estado no setor industrial, enquanto a Sul Catarinense mantém sua economia diversificada.

Além disso, foi possível verificar que a agropecuária está distribuída regionalmente de forma mais concentrada do que os outros setores, característica que permaneceu ao longo do período analisado. Também foi possível verificar baixo grau de especialização das mesorregiões e manutenção do perfil produtivo do estado e de localização, com mudanças pouco relevantes de 1999 a 2014.

Portanto, pode-se concluir que os objetivos aqui propostos foram alcançados e, com isso, obteve-se uma visão mais equilibrada e realista do desenvolvimento das mesorregiões de Santa Catarina e do perfil produtivo no período compreendido entre 1999 até 2014.

A variável base utilizada para as análises do presente trabalho foi o PIB, porém, como sugestão para pesquisas futuras, outras variáveis podem ser utilizadas, como o emprego, complementando os resultados. Dessa forma, este trabalho não pretende esgotar a discussão sobre o desenvolvimento regional, podendo também ser aplicado para outros estados, outras mesorregiões e até microrregiões.

Além disso, conforme já apontado, as medidas de localização e especialização possuem algumas limitações conceituais e metodológicas. No entanto, apesar do nível de agregação dos dados, essas medidas são úteis, pois permitem uma investigação preliminar do perfil produtivo e de localização de uma região, que, ao identificar características importantes, abre espaço para pesquisas futuras analisarem mais detalhadamente as especificidades desses territórios.

## Referências

AMARAL FILHO, J. Desenvolvimento regional endógeno: (re)construção de um conceito, reformulação das estratégias. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.26, n.3, jul./set. 1996. Disponível em: <<https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&biblioteca=vazio>>

ARANHA, F. **Losch, Christaller e a Teoria do Lugar Central**. MundoGEO. 2001. Disponível em: <<http://mundogeo.com/blog/2001/04/01/losch-christaller-e-a-teoria-do-lugar-central/>>.

CAMPOS. I. **Os colonos do Rio Uruguai: relação entre a pequena produção e a agroindústria no Oeste Catarinense**. Campina Grande: UFPB, 1987.

CAVALCANTE, L. R. M. T. Produção Teórica em Economia Regional: uma proposta de sistematização. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**. São Paulo, vol. 02, nº 1, p. 09-32, 2008. Disponível em: <<https://www.revistaaber.org.br/rberu/article/view/12>>.

FIESC - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina em Dados**. 2015. Disponível em: <<https://fiesc.com.br/pt-br>>.

FOLADOR, J. D. **História de Campo Erê**. Campo Erê: Cruzeiro, 1991.

HADDAD, P. R. (Org.). **Economia Regional: teoria e métodos de análise**. BNB/ETENE: Fortaleza, 1989.

HADDAD, E. A. Notas sobre a Teoria da Localização. **Economia Regional e Urbana – EAE 503**. 2005. Disponível em: <[http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/Notas\\_Localiza%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/Notas_Localiza%C3%A7%C3%A3o.pdf)>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biblioteca. **Banco de Dados: cidades@**. 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/contas-nacionais/2036-np-produto-interno-bruto-dos-municipios/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?&t=downloads>>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados: cidades@**. 2017. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/contas-nacionais/2036-np-produto-interno-bruto-dos-municipios/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?&t=downloads>>

LUFICHOSKI, a. **A formação socioeconômica do Oeste de Santa Catarina.** V SEPE – Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão. Vol. V. 2015 – UFFS. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wUAYYmKEwzkJ:https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/SEPE-UFFS/article/view/2724/1532+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>.

MARTINS, J. de S. **Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento.** 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

MESQUITA, O. V.O Modelo de Von Thunen: Uma discussão. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, p 60-70, abr/jun 1978. Disponível em: <<http://catoper.blogspot.com/2012/04/modelo-de-von-thunen.html>>.

MOTTA, D. M. da. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais - Sul.** Brasília: IPEA, 2000. v. 6. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18266](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18266)>.

OLIVEIRA, G. B.; LIMA, J. E. S. Elementos Endógenos do Desenvolvimento Regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Revista FAE.** Curitiba, v. 6, n. 2, p. 29-37, mai/dez. 2003. Disponível em: <<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/462>>.

PAIM, E. A. Aspectos da Constituição Histórica da Região Oeste de Santa Catarina. **Revista de História,** João Pessoa, 2006. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y4aceLXGwc0J:periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/11346/6460+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=brperiodicos.ufpb.br>>.

PERTILE, N. **Marcas da “integração” na agricultura familiar de Quilombo, SC.** Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81670>>.

PERTILE, N. **Formação do Espaço agroindustrial em Santa Catarina.** Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://labcs.ufsc.br/files/2011/12/Tese-01-PGCN0349-T.pdf>>.



SEBRAE- Serviço de Apoio às Pequenas e Micro Empresas. **Santa Catarina em Números**. 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/>>.

SENGENBERGER, W.; PIKE, F. **Distritos industriais e recuperação econômica local**: questões de pesquisa e de política. In: COCCO, G.; URANI, A.; GALVÃO, A. (Org.) *Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SILVEIRA, S. **Mesorregião Serrana (SC)**. 2016a  
Disponível em: <<http://sanderlei.com.br/PT/Ensino-Fundamental/Santa-Catarina-Historia-Geografia-16>>.

SILVEIRA, S. **Mesorregião Vale do Itajaí (SC)**. 2016b  
Disponível em: <<http://sanderlei.com.br/PT/Ensino-Fundamental/Santa-Catarina-Historia-Geografia-16>>.

TERUYA, D. Y. **Os fatores de concentração industrial de empresas de alta tecnologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.

WERLANG, A. A. **A colonização às margens do Rio Uruguai no Extremo Oeste Catarinense**: Atuação da Cia Territorial Sul Brasil - 1925 a 1954. Dissertação (Dissertação, Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Florianópolis, 1992. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76820>>.

Endereço para correspondência:

*Diogo Dalle Tese* – [diogo.dallete@gmail.com](mailto:diogo.dallete@gmail.com)  
R. Maringá, 1200, Vila Nova  
85605-010 Francisco Beltrão/PR, Brasil

*Táise Fátima Mattei* – [taise\\_mattei\\_slo@hotmail.com](mailto:taise_mattei_slo@hotmail.com)  
R. Tranquilo Baldim, 282, Bairro Santa Catarina  
89990-000 São Lourenço do Oeste/SC, Brasil

